

## POEMA PATÉTICO

Que barulho é esse na escada?  
É o amor que está acabando,  
é o homem que fechou a porta  
e se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?  
É Guiomar que tapou os olhos  
e se assoou com estrondo.  
É a lua imóvel sobre os pratos  
e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?  
É a torneira pingando água,  
é o lamento imperceptível  
de alguém que perdeu no jogo  
enquanto a banda de música  
vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?  
É a virgem com um trombone,  
a criança com um tambor,  
o bispo com uma campainha  
e alguém abafando o rumor  
que salta de meu coração.

## A BRUXA

*A Emil Farhat*

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto  
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?  
Ainda há pouco um ruído  
anunciou vida a meu lado.  
Certo não é vida humana,  
mas é vida. E sinto a bruxa  
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto...  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,  
que lêem verso de Horácio  
mas secretamente influem  
na vida, no amor, na carne  
Estou só, não tenho amigo,  
e a essa hora tardia  
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.  
Precisava de mulher  
que entrasse nesse minuto,  
recebesse este carinho,  
salvasse do aniquilamento  
um minuto e um carinho loucos  
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,  
quantas mulheres prováveis  
interrogam-se no espelho  
medindo o tempo perdido  
até que venha a manhã  
trazer leite, jornal e calma.  
Porém a essa hora vazia  
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!  
Tenho tanta palavra meiga,  
conheço vozes de bichos,  
sei os beijos mais violentos,  
viajei, briguei, aprendi.  
Estou cercado de olhos,  
de mãos, afetos, procuras.

Mas se tento comunicar-me,  
o que há é apenas a noite  
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!  
Essa presença agitada  
querendo romper a noite  
não é simplesmente a bruxa.  
É antes a confiança  
exalando-se de um homem.

## JOSÉ

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,

sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse;  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho-do-mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?